

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

LISBOA, 17 DE SETEMBRO DE 1881

NUMERO 41

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

Summario. — Luiz Guimarães Junior, Guiomar Torrezão — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *Perfis politicos*, Lord Beaconsfield, Eça de Queiroz — *Molduras*, Julio Diniz, Til — *Madrid*, Exposição de bellas artes, Manlius — *Carteira de um fantasista*, A uma pianista (D. Amelia Vaz Monteiro), Candido de Figueiredo; *Crepusculo*, Matheus Peres — *Rumores dos palcos* — *Bibliographia* — *Album enigmatico*, charada, Miranda Azevedo — *Albina*, Georg Sand, folhetim.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior nasceu no dia 17 de fevereiro de 1845 na cidade do Rio de Janeiro. É por conseguinte brasileiro *pur sang*, facto que muito honra a America, que o conta entre os seus mais florentes talentos.

Formou-se em Pernambuco em sciencias juridicas e sociaes no anno de 1869, tendo estudado o primeiro anno em S. Paulo.

Possuindo uma imaginação ardente e fantasiosa, o moço estudante começou cedo a librar-se nas azas dos sonhos para o azul do Ideal.

Os seus versos, tocados de uma fina sensibilidade nervosa, a sua prosa, vibrante de todas as delicadas commoções artisticas, revelaram em Luiz Guimarães Junior um lyrico convicto.

Esse lyrismo perfumado e melodioso como uma serenata de Gounod, bordado de arabescos caprichosos e exuberante de florescencias tropicaes, afirmou-se especialmente, com todos os seus defeitos e bellezas, nos *Nocturnos*. Foi exactamente nos *Nocturnos* que a pessoa que escreve esta tentativa biographica admirou pela vez primeira o feitio aristocratico e ligeiramente feminino do talento de Luiz Guimarães.

Os *Nocturnos* são umas miniaturas tenuissimas, de uma concepção intimamente sentida, onde ha por vezes traços que se gravam profundamente como os caracteres abertos no marmore branco e liso.

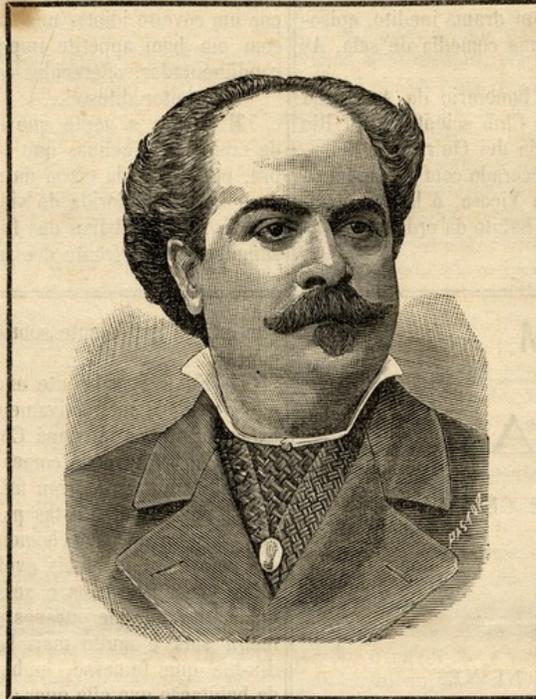
Posteriormente, a prosa do eminente poeta decotou-se, corrigiu os angulos, avivou as tintas e desprendeuse de uma certa feminilidade sentimental, que não era destituida de encanto, mas que era igualmente cheia de perigos.

De 1869 a 1872 Luiz Guimarães Junior redigiu o *Diario* do Rio de Janeiro, abrilhantando o jornal com uns deliciosos folhetins semanaes.

À medida que o estudo ia sazonzando os fructos, desabrochados ao calor fecundo da meditação, a fantasia do poeta voava, como já disse, pairando nos intermundios do idealismo.

São filhos estremecidos d'esses ridentes dias azues, estrellados de devaneios, ao longo dos quaes o curso academico passava austero e embuçado na sua erudição dogmatica, como um reverendo atravessando de subito pelo meio dos gyros vertiginosos de um *cotillon*, os livros *Passeios humoristicos*, *Corymbos*, versos e *Lyrio branco*, tentativa de romance.

O talento do escriptor fluminense, malleavel e opulento, esmaltado, como as florestas luxuriantes do seu berço natal, de todos os matizes e impregnado de todos os perfumes, ensaiou tambem o genero dramatico, produzindo tres espirituosas comedias: *Uma scena contemporanea*, em 2 actos, *Um pequeno demonio*, em 2 actos, *O caminho mais curto*, em 1 acto e um drama em 5 actos, *As quedas fataes*, que o applauso das plateias cobriu de palmas, da mesma forma que a critica cobrira de adjectivos encomiasticos os livros do poeta.



Luiz Guimarães Junior

Luiz Guimarães Junior tem colaborado em quasi todos os jornaes do imperio, alcançando um verdadeiro successo as suas elegantes chronicas, assignadas com os pseudonymos *Victor Murillo* e *Luciano de Athayde*, publicadas no *Correio Paulistano* e *Imprensa Academica*.

No periodo que medeou de 1869 a 1872, a que já alludi, o insigne escriptor deu á estampa sette volumes: *Historias para gente alegre*, *Filigranas*, *Curvas e zig-zags*, *Contos sem pretensão*, *Nocturnos*, *Biographia de A. Carlos Gomes* e *Biographia de Pedro Americo*.

O seu ultimo livro, publicado em Roma, intitula-se *Sonetos e rimas*.

Os sonetos de Luiz Guimarães Junior parecem fundidos de um jacto, como um filão de ouro derretido tomando de subito, nos rendilhados do molde, o feitio d'uma joia primorosa. Espelham-se n'elles as imagens, nitidamente recortadas, como em crystal diaphano, e a forma de curvas opulentas e maciezas flexiveis, de linhas puras e contornos suaves, lembra uma madona arrancada ao marmore de Carrara pelo cinzel de João Goujon.

Em 1872 Luiz Guimarães Junior recebia a nomeação de addido de 1.^a classe á Legação do Brazil no

Chile, sendo d'ahi transferido para Londres em 1873, partindo em seguida, em 1875, para Roma, acreditado junto á Santa Sé.

Durante a sua residencia no Chile o fluente prosador publicou na *Revista Sud-America* de Santiago uma serie de artigos biographicos acerca de Joaquim Serra, notaval politico e escriptor brasileiro, Machado de Assis, Narcisa Amalia, a poetisa inspirada das *Nebulosas* e outros.

O poeta reside actualmente em Lisboa, para onde acaba de ser promovido na qualidade de 1.^o secretario da Legação Imperial e acreditado como encarregado de negocios interino.

Como se deprehende d'esta rapida apreciação, cingida aos limites restrictos de uma folha semanal, a existencia de Luiz Guimarães Junior, tanto officialmente como litterariamente, tem sido uma verdadeira ascensão, resoante de hosannas.

O Brazil adora-o e lê com avido interesse a sua prosa diamantina, onde se esfuma, esbatendo-se em pinceladas ondeantes, como os contornos da aguarçilla, o perfil do lyrismo moderno.

Esse lyrismo, perfeitamente estranho a sentimentalidades piegas, penetrado de um intenso vigor expositivo, onde o subjectivismo figura, não sob a physionomia individual, mas sob o aspecto mental, tocado de umas idealidades nitentes que esvoaçam atravez dos periodos sonoros, batendo as azas de oiro e purpura, raros escriptores o possuem como Luiz Guimarães Junior.

O insigne poeta é collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. Abi publicou uma valiosa serie de folhetins, sob a designação *Cartas romanas*, firmadas com o pseudonymo *Oscar d'Alva*, tencionando em breve remetter de Lisboa, para o mesmo jornal, uma collecção de folhetins quinzenaes, que deverão intitular-se *Conversemos*.

O notavel escriptor brasileiro tem actualmente no prelo, em Roma, *O livro de Gabriel*, poema consagrado ás saudades do filho, que lhe resvalou dos braços arrebatado pela morte. Na mesma radiosa Italia onde se apagou o olhar da criança, para nunca mais illuminar o coração paterno que o estremecia, imprime-se o livro que deverá perpetuar a memoria do anjo. Esse livro piedoso, exclusivamente destinado a offerecimentos, será illustrado pelos primeiros desenhadores e gravadores romanos.

O fecundo escriptor prepara dois livros *A patria do ideal*, que se occupa da Italia e *Os monstros da Historia*, pequenos poemas modernos que tratam de *Caligula*, *Nero*, *Messalina*, *Cleopatra*, *Lucrecia Borgia*, *Aretino*, etc.

Alem d'estes trabalhos o poeta possui um drama inedito, episodios da historia brasileira, *André Vidal*, e uma comedia de sala, *As joias indiscretas*.

O poeta dos *Sonetos e rimas* é membro honorario da Academia de Bellas Lettras de Santiago do Chile, do Club scientifico do Rio de Janeiro, da Arcadia Romana, da Academia dei Quiriti, de Roma, e da Sociedade geographica italiana. É condecorado com a commenda de Christo, o habito da Conceição de Villa Viçosa, o habito de S. Thiago do merito scientifico e litterario e o habito da ordem romana do Santo Sepulchro.

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEPTIMA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.^a DE NESMES

Castello d'Autremont.

A mesa estava posta junto de uma vasta lareira, onde ardiam alguns troncos de arvores.

— Que lhe parece esta casa de jantar? perguntou o duque. É muito escura, se por acaso lhe desagradar ou se o entristecer, poderemos escolher outra.

— Pelo que me diz respeito, respondi, tudo me é indifferente. Estou bem, seja onde fôr. O que queria dizer, pouco mais ou menos: «Estou triste em toda a parte.»

O duque absteve-se de alludir a qualquer assumpto melancolico. Não julgo possivel que elle me desvele alguma vez os reconditos do seu dilacerado coração, porque acima de tudo o duque é escravo das conveniencias e o receio de tornar contagiosa a sua tristeza basta para suffocar-lhe as expansões.

O jantar, servido por Champorel e os seus dois ajudantes, foi opiparo.

O duque comeu pouco e não bebeu bebida alguma. Ao notar

Luiz Guimarães Junior attingiu o zenith do talento, opulento de galas, achando-se ao mesmo tempo no pleno vigor da idade, pois que conta apenas 36 annos.

O brilhante escriptor brasileiro é uma alma aberta a todos os enthusiasmos e vibrante a todas as sensações delicadas. Na sua palavra fluente e imaginosa scintilla o fulgor do espirito e revela-se os quilates da organisação do parnasiano, excepcional sob todos os pontos de vista.

GUIOMAR TORREZÃO.

CHRONICA ALEGRE

Imagem que eu, pela mais comica de todas as coincidencias, sou no fatal momento em que pego na penna para escrever o artigo do meu jornal, a antipoda do titulo que irreflectidamente colloqui no alto d'esta pobre columna periclitante.

É verdade que o leitor não se preocupa absolutamente nada com o *to be or not to be* das minhas impressões pessoas, importando-lhe apenas a qualidade e tempo das iguarias servidas á sua *gourmandise* n'estas mesas redondas, a tanto por cabeça, que se chamam os jornaes.

Se acontecesse, por uma occorrença natural e prevista, que o *maitre d'hôtel* se visse de repente privado do exercicio das suas funções e condemnado a ir dormir em um buraco hiante, aberto por um coveiro idiota, nem por isso o conviva deixaria de saborear, com um bom appetite imperturbavel, os acepipes, mais ou menos condimentados, offerecidos á sua voracidade periodica.

Ah! leitor ditoso!...

E pensar a gente que ainda ha n'este mundo um sem numero de creaturas ingenuas que suspiram por ella, pela tal..., pela célebre, pela afamada coroa da gloria, (sic) «cravada por dentro, segundo a imagem colorida do visconde de Benalcánfor, dos espinhos da inveja, que por baixo das folhas de louro estão continuamente ensanguentando a fronte dos infelizes que a cingem.»

que eu era igualmente sobrio, temeu que o seu exemplo se me impozesse.

— Eu sou realmente encommoativo, porque não como, e noto que o senhor, instinctivamente e talvez sem dar por tal, me segue o exemplo; vamos lá, papá Champorel, veja se faz com que eu coma para o nosso hospede comer tambem. E estendeu então o seu prato ao velho, encantado com tal resolução.

Menciono todas estas particularidades, para que tu aprecies pelas preocupações do homem a sua indole amena e a bondade do seu coração, tanto mais evidente, quanto é reservada nas suas manifestações. Passámos o serão no seu gabinete, onde elle me introduzia, fazendo-me atravessar um salão maior ainda do que a primeira sala e muito mais bonito, posto que não menos severo. Pedi-me que fumasse, embora elle não fume, e indicou-me o plano da habitação que elle quer construir na base inferior áquella em que permanecemos. O duque desenha muito bem; cercou a planta da casa da vegetação que elle tenciona obter da rocha, por meio de terra com que a cobrirá. Pedi-lhe licença para estudar no dia immediato o assumpto.

Será isso tanto mais facil, quanto o duque tenciona voltar no dia seguinte para junto do seu parente enfermo. O duque mostrou que preferiria ficar junto de mim, se não soubesse que o doente estava só. Partiu pois de novo esta manhã, montando a cavallo, na intenção de ir e voltar mais depressa. No espaço que medeou das 6 horas até ao meio dia explorei o velho reducto, desde a adega até ao celloiro, medi a montanha em todos os sentidos.....

(Interrompido em 29 de maio de 1876.— George Sand morreu a 8 de junho de 1877).

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

A chronica tritura ha uma semana nas suas mandibulas avidas, com a paciencia resignada dos pobres que não possuem uma migalha de pão alvo, dois assumptos amargos e tristes como duas laranjas azedas.

—A espada engolida tragicamente, n'um arranque que produziu uma sangria de novo genero, pelo pseudo chin, Ling-Lock, e o *can-can* lubrico, dançado n'uma orgia infrene, nas barbas do velho passeio municipal, por Justino, o pé leve.

Annullar este Justino que ousou ennastrar nos cabellos louros das crianças, emmoldurando como uma aureola archangelica, os seus rostinhos brancos e immaculados, a rosa escarlata das bacchantes de Mabile, afigura-se-nos uma obra meritoria, digna de uma corôa civica.

Como, porém, Justino, o bambocha, resiste impavido ás descargas sonoras dos artilheiros da imprensa, resta-nos pedir ao mesmo Justino, dado o caso que elle insista, continuando a perpetrar o *can-can* e atirando com as suas tibias de pernaltá um elemento dissolvente ao seio das familias, que experimente primeiro se elle, varão destemido e habil, de musculos flexiveis e ageis, será capaz de imitar Ling-Lock, engulindo espadas.

Que Justino engula uma espada, ou pelo menos que elle beba meio litro de azeite a ferver, mesmo correndo o risco que, por um *chasser-croiser* inevitavel, Ling-Lock se lembre pela sua parte de dançar o *can-can*.

GUIOMAR TORREZÃO.

PERFIS POLITICOS

LORD BEACONSFIELD

I

Recomeçando hoje estas CARTAS DE INGLATERRA —que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns mezes gosando os ocios de Tityro, *sub tegmine fage*, á sombra d'essa faia constitucional que se chama o Gremio —devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamim Disraeli, Lord Beaconsfield, occorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Curzon-Street. A doença de Lord Beaconsfield, uma complicação de gota, asthma e bronchite, arrastou-se cruel e longa; o mal porém foi debellado e Lord-Beaconsfield succumbiu realmente á fraqueza, á fadiga dos 77 annos de uma existencia tão episodica, tão cheia, tão commovente, que ella ficará como o seu melhor romance, bem superior em estylo e interesse a TANCREDO ou a ENDYMION.

Desde o primeiro dia Lord-Beaconsfield perdeu logo a esperanza de se restabelecer; mas, passou a encarar a morte como encarára sempre as suas derrotas politicas, com uma coragem desdenhosa e fria e um ar de facil superioridade. Durante a doença, aos accesos agudos da dôr, respondia elle com esses sarcasmos mordentes e rebrilhantes, que tinham sido sempre a sua desforra querida perante um adversario mais forte.

No dia 18, á noite, cahiu pouco a pouco n'uma somnolencia comatosa, e assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer, agitou-se, ergueu-se, ainda dilatou o peito, lançou os braços ao ar —como costumava fazer nos grandes debates da camara; depois recahio sobre o travesseiro, estendeu as mãos a Lord Rowton e Lord Barrington, seus secretarios, murmurou debilmente —*estou vencido*—, e ficou como adormecido para sempre. E, considerando que n'esse momento toda a Inglaterra, o mundo inteiro, esperavam ansiosamente noticias d'aquelle quarto de Cruzon Street, onde expirava o homem que sessenta annos antes era um pobre escrevente de cartorio, —pôde-se dizer que n'esta carreira tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu proprio funeral teria agradado á sua imaginação —a certos lados delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não permittiu que se celebrassem funeraes publicos na abbacia de Westminster —disposição estranhavel n'um homem que mais que tudo amou a pompa e os grandiosos cerimoniaes: mas não teve tambem o lugubre scenario da morte, os crepes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as caveiras bordadas —tudo isso que deveria

ser tão anthyopathic ao seu luminoso espirito. Foi sepultado no seu querido castello d'Hunghenden, no meio das arvores, seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capella toda ornada de flores, como para uma alegria nupcial; o camiinho que lá levava ia por entre jasmineiros e rosaeis; em vez do dobre dos sinos de Westminster teve o gorgear das suas aves; e o caixão, seguido pelos principes de Inglaterra, por todos os embaixadores, pela aristocracia que elle governára —desapparecia sob corôas, ramos, molhos de *prim-roses*, que a rainha Victoria mandára com estas palavras, escriptas pela sua mão: «As flôres que elle amava.»

Depois, ao outro dia, em todas as cathedraes da Inglaterra, em cada capella rustica, o clero fez do pulpito o elogio de lord Beaconsfield; nas universidades, nos institutos, nas academias os professores commemoraram aquella carreira soberba; pelas plata-formas dos *meeting*, nas assembleias commerciaes, em qualquer parte onde se juntam homens, alguma voz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu genio: lord Granville, na camara dos lords, na camara dos commons Gladstone, fizeram, em sessão solemne, o seu panegyrico publico; e durante dias toda a imprensa ingleza, a imprensa de todo o mundo civilisado (excepto a de Portugal, infelizmente), vieram cheias do seu nome, da commemoração dos seus livros, da sua pittoresca historia. E assim lord Beaconsfield desappareceu —como fôra o desejo de toda a sua vida —n'um rumor de apoteose.

E todavia nada parece mais injustificado que uma tal apoteose. Lord Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora, os seus romances, como obras d'arte já começam a parecer a esta geração de sciencia e d'analyse tão falsos tão ficticios como as novellas lyrico-religiosas do visconde d'Arincourt, e como homem de estado o nome de lord Beaconsfield não fica de certo ligado a nenhum grande progresso na sociedade ingleza. Crear o titulo de Imperatriz das Indias para a rainha de Inglaterra, roubar Chipre, restaurar certas prerogativas da corôa, tramar o *fiasco* de Afghanistan, não constituem de certo titulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado escrever *Tancredo* ou *Endymion*, não basta para marcar epocha n'uma litteratura, que teve contemporaneamente Dickens, Tackeray e Georges Elliot.

Como succede além d'isto que a Inglaterra, paiz tão pratico, tão bem equilibrado, se deixe levar em um arranque de admiração pelo homem que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrario ao temperamento, ás maneiras, ao gosto inglez? E' que lord Beaconsfield, mais que nenhum outro contemporaneo, impressionou a imaginação ingleza —e na fria Inglaterra, como sob céos mais calidos, são grandes as influencias da imaginação.

Podia-se ás vezes sorrir das suas phantasticas obras d'arte, protestar contra as suas theatraes combinações politicas, mas atravez de protestos e sorrisos a sua propria personalidade nunca deixou de maravilhar e de fascinar. Qualquer inglez, medianamente educado, a quem se pergunte a sua opinião sobre lord Beaconsfield, dirá: *foi um homem extraordinario*.

Extraordinario —é como elle se nos representa, agora que se vê o conjuncto da sua existencia —que não parece ter sido um producto natural dos factos ou das occasiões, mas uma creação subjectiva da sua propria vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua penna. Senão veja-se. Tendo nascido judeu —tornou-se o chefe de uma aristocracia saxonia e normanda, a mais orgulhosa da terra: começando em um obscuro circulo litterario e vegetando algum tempo em um cartorio de Londres —veio a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande imperio; não possuindo senão dividas —bem cêdo se tornou o inspirador das grandes fortunas territoriaes: homem de imaginação, de poesia, de phantasia, foi o idolo das classes medias de Inglaterra, as mais praticas e utilitarias que jámais dirigiram uma nação commercial: sem religião e sem moral, governou um protestantismo que não concebe ordem social possivel fóra da sua estreita religião e da sua estreita moral: confessando o seu desprezo pela omnipotencia da sciencia moderna —foi o grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base puramente scientifica: emfim sendo o *menos possivel* inglez, tendo um modo de ser e de sentir quasi estrangeiros, dirigiu annos e annos a Inglaterra, o paiz mais hostile ao espirito es.

trangeiro, e que conhecia bem que não era compreendida pelo homem que o governava. Tudo isto parece paradoxal — e a existencia de lord Beaconsfield foi com effeito um perpetuo paradoxo em acção. Para realisar tudo isto era necessario que o seu genio, por um lado, por outro a sua habilidade fossem grandes. E realmente, em dons pessoas nada lhe faltou; prodigiosa finura de espirito, uma vontade de aço, uma coragem serena de heroe, uma infinita veia sarcastica, um fogo ruidoso de eloquencia, o absoluto conhecimento dos homens, a luminosa penetração no fundo dos caracteres e dos temperamentos, um poder subtil de persuasão, um irresistivel encanto pessoal — e tudo isto envolvido (como por uma atmospheria luminosa) por alguma cousa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisto, que era ou fazia o effeito de ser o *seu genio*.

Eu por mim começo por admirar a sua propria apparencia. Diz-se que fôra formoso como um Apollo — e que isto concorrera muito para os seus primeiros triumphos: agora, já tão velho, era apenas pittoresco.

A sua grande testa sobre a qual cabiam aquelles dois extraordinarios caracões parallellos, o seu olhar recolhido e como concentrado em pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a bocca descahida na sua eterna curva sarcastica, o beijo inferior muito recurvo e muito pendente, e a sua estranha pera de Mephistopheles, — constituíam uma d'estas physionomias que se sente que vão ficar na galeria da historia e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino e um genio. Em novo, e quando as modas romanticas o permittiam, vestia-se de setim e velludo, recobria-se d'um luxo de medalhões e joias, as suas proprias calças tinham bordados d'ouro. Agora, era mais sobrio de toilette: usava apenas estes casacos compridos como tunicas — a que os homens de origem judaica são particularmente affeiçãoados, e o seu unico adorno eram os bellos ramos que lhe enchiam o peito. Um jornalista francez, n'um dia de crise politica, em que lord Beaconsfield devia fazer um discurso decisivo, encontrou-o momentos antes, n'um dos salões da camara, occupado a encher d'agua o tubosinho de crystal que por traz da boteira da casaca conservava frescas as suas rosas. Todo o homem está n'este traço.

De raça oriental teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos tecidos, da pompa; os seus romances transbordam de descrições de palacios, de festas perante as quaes as mais ricas galas de Salomão são como desbotados scenarios de theatro de feira; o seu estylo resente-se d'este gosto: é um sumptuoso estofo, com recamos de ouro, cravejado de joias, scintillante e espesso, cabindo em bellas pregas ao comprido da idéa. O dinheiro, o ouro, preoccuparam-n'o sempre, menos pela sua influencia social, que pelo mero esplendor na sua amontação. Os seus heroes possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossiveis, nas condições economicas do mundo moderno; *Lothario*, o famoso *Lothario*, querendo dar um presente de annos a uma senhora, catholica, offerece-lhe uma cathedral toda de marmore branco, que elle mandou construir e que dedicou á santa do nome d'ella; o seu custo excederia de certo 2:000 contos fortes. Confessemos que é *chic*. Pois bem; presentes d'estes, dava-os *Lothario* todos os dias. O banqueiro *Sidonia*, uma das mais curiosas creações de lord Beaconsfield, querendo dar ao seu amigo *Tancredo* uma carta de credito para os banqueiros da Syria, redige-a d'este modo: «Pague á vista ao portador tanto ouro quanto seria necessario para reconstruir os quatro leões de ouro massiço que ornaram a porta direita do templo de Salomão.» — Tambem muito *chic*.

Estou certo que um dos grandes prazeres de lord Beaconsfield era poder manejar os milhões de Inglaterra. Todos os seus ministerios custaram caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como a agua, — e dava-se o luxo de realisar por si, e á custa do seu paiz, as larguezas epicas do seu banqueiro *Sidonia*. Mesmo quando estava no poder estava ainda no romance.

(Continua).

EÇA DE QUEIROZ.

MOLDURAS

JULIO DINIZ

As mais suaves melancholias, os mais puros e delicados perfis de mulher, as mais graciosas e risonhas paizagens, fixaram-se na alma d'este querido extinto e radiaram d'ahi para as paginas limpidas e perfumadas dos seus livros.

O encanto affectuoso da sua obra é esta sinceridade despreocupada que se traduz n'uma meia confidencia em que ha o vago perfume d'um amor que nunca teve violencias imperiosas mas que se lhe filtrou n'alma, se enredou n'ella de tal modo que toda e qualquer impressão era como um fio amoroso que o prendia ao objecto impressionador. D'aqui provém a bondade extrema que palpita em todos os seus livros, d'aqui a feição caracteristica d'esta physionomia litteraria.

As linhas fidalgas do perfil, a expressão melancolica do olhar, a convexidade reveladora da ampla fronte polida, a bóca amavel e frizada, traduzindo uma constante tristeza absorvente, deixam adivinhar este feixe luminoso que envolve as suas creações e os seus quadros n'uma doce serenidade.

A critica, na sua preocupação erudita e philosophica, ao analysar a obra d'este romancista do bem foi filial-o na escola ingleza de Dickens.

As affinidades litterarias entre Dickens e Julio Diniz resaltam simplesmente do fundo moral d'este e não nos esforços empregados para uma transplantação de escola. Porque Julio Diniz era sobre tudo um sincero, procurava fugir-se na Arte e, como no fundo inexgotavel do seu ser encontrasse todo um mundo radioso de figuras movendo-se em nimbos d'affectos, anatomisava a sua alma nas paginas dos seus livros, repartindo-se por cada personagem, consubstanciando-se com elle.

E por isso é que Julio Diniz está inteiro e vivo nos seus livros, é por isso que para elle a nossa admiração elevada se alia á estima mais profunda.

Julio Diniz ficou unico na nossa litteratura. Não teve predecessores como não terá seguidores. As suas creações poeticas, as suas paisagens murmuradas, os quadros de costumes campesinos, permanecerão na nossa alma, não com o cunho flagrante da realidade, mas como a idealisação bondosa e consoladora d'uma ou outra alma, d'uma ou d'outra paisagem que o olhar do bom Deus envolva.

A realidade no que ella tem de repellente e asqueroso seria este apaixonado do bem.

Recusava-se, como alma fina e delicada que era, a apresentar o mal triumphante e alastrador. Quando mesmo por um amor accidental da realidade má, ou talvez por exactidão das suas impressões, elle desenhava um typo perverso, contornava-o com tal forma e feiçao, esbatia-o tanto, que conseguia sempre, apesar de tudo, tornal-o affectuoso e sympathico.

Nas *Pupillas do sr. Reitor*, o typo da madrasta de Guida, d'essa Guida heroica; o João da Esquina, que chega a ter a firme exactidão d'uma photographia, conseguem apesar dos seus defeitos e dos seus ridiculos viver na nossa estima.

O meigo analista das meias tintas da alma, o colorista das paisagens esfumadas, não cultivou sómente o romance de impressões pessoases — os romances — memorias.

Os *Fidalgos da Casa Mourisca* marcam uma nova feição do seu espirito serenamente revolucionario. Mas era-o meramente pelo coraçao, pelo sentimento de condolencia que as miserias resultantes da desigualdade de condições lhe despertavam n'alma.

É um romance poderoso este, d'um interesse absorvente, d'uma indignação crescente para essa canalha de fidalgos, para esses preconceitos antigos e tenazes, hoje inteiramente deslocados n'uma sociedade trabalhadora. N'este romance ha scenas d'uma commoção profunda, typos d'um colorido intenso, quadros embebidos de sã e vivificante natureza.

Se ha dez annos uma litteratura inteira teve as lagrimas magoadas que se teem para com um filho estremecido, ha dez annos na poesia — Andorinhas — em que elle presagiava o seu proximo fim, exclama funebremente, dirigindo-se a essas aladas amigas da luz,

O' doces amigas, lembrai-vos de mim!

Hoje, as almas, como essas invocadas andorinhas, vem relembrar esta memoria querida sempre rediviva, na sua perennidade gloriosa.

TIL.

MADRID

Exposição de Bellas Artes

D. Maria Pacheco de Padilla despues de Villalar, vasta tela do sr. Barrás y Mompó, pintor valenciano.

O momento é triste e muito bem aproveitado pelo artista. D. Maria Pacheco, recebe a fatal noticia da perda de uma batalha e com ella a do seu idolatrado esposo, dupla catastrophe que lhe affectara o coração e a vaidade de rainha. A figura da rainha tem muita expressão de dor, ha tristeza em todos os personagens. O grupo de soldados que occupam o lado esquerdo da composição é muito bem pintado. Em resumo, a tela do sr. Mompó faz-lhe muita honra.

El Angel rebelde, quadro do sr. Pescador y Saldana, discipulo de Bonnat. Conhecemos ha muito tempo este artista e sempre lhe prophetisamos um futuro risonho. Lisongeia-nos a exactidão da nossa prophécia ao contemplar o seu bem pintado *Angel rebelde*.

Sapho, quadro do sr. Carbonell y Selva, pintor de Barcelona.

A famosa poetisa da ilha de Lesbos, pintada pelo sr. Carbonell, não corresponde á ideia que d'ella sempre fizemos; parece uma martyr dos primitivos tempos do christianismo; as suas asceticas formas não harmonisam com a proverbial belleza attica, que todos nós temos idealisado mais ou menos. O pintor deveria lembrar-se que pintava uma mulher grega, celebre pelo seu talento, belleza e pelas suas paixões escandalosas, ardentes amores que serviram de exemplo e de estudo á hygiene e physiologia conjugal de Debay, na parte dedicada á especialidade pelo celebre doutor.

Nutrimos uma particular antipathia pela poetisa grega e sobretudo pela sua moralidade desbragada.

Desgraçadamente, nos tempos que correm, tambem existem Saphos, mas com menos poesia, bem entendido. Theophilo Gautier em prosa admiravel, descreve-nos Mademoiselle de Maupin, como uma immoralidade côr de rosa, bonita, fresca, bem fornecida de carnes, capaz de todas as audacias conhecidas e por conhecer em procura do absurdo.

O sr. Carbonell não quiz domar a triste realidade e pintou uma Sapho, phtysica, cadaverica, extenuada pelo vicio, que ao vel-a, pode-se dizer sem receio que não vae morrer, mas sim acabar de morrer, como se costuma dizer das figuras de Zurbaran.

N'este ponto é essencialmente realista.

Escolheu a hora do tardio arrependimento da impudica amante de Faon para pintar a heroina, que de pé, sobre o rochedo de Leucade, entoia o seu hymno a Venus e vae precipitar-se nas ondas azues, thalamo crystalino das suas bodas.

Não pensamos que o assumpto seja digno de representar-se, não lhe vemos senão um nojento exemplo de uma das existencias mais sujas e criminosas que a historia da antiguidade nos transmittiu.

Todavia, não podemos deixar de reconhecer no quadro do sr. Carbonell notaveis qualidades, como mera pintura.

Torquemada, quadro do sr. Fernandes de Santiago (Coruña).

Agora tracta-se do Sancto Officio e do seu fanatico defensor.

Que de sangue se queimou em nome de Christo n'esta bella terra de Hespanha!

Em março de 1492 tractavam de executar o famoso decreto da expulsão dos judeus. Os astutos filhos de Moysés enviaram um emissario, acompanhado de trinta mil ducados de ouro, aos reis catholicos, com o fim de ver se obtinham abrandar os animos e retardar a execução da terrivel lei.

Torquemada sabedor de tão habil manejo e das persuasivas razões que os hebreus rpresentavam, apresentou-se repentinamente na sala do palacio e tirando um crucifixo que trazia escondido debaixo do habito, exclamou: «*Judas Escariote vendeu o seu divino mestre por trinta dinheiros de prata, Vossas Altezas querem vendel-o novamente por trinta mil ducados de ouro? Eil-o, aqui o tendes, vendei-o outra vez, se assim vos apraz!*»

Estas celebres palavras do fanatico sacerdote foram o sufficientes para convencer os reis catholicos a assignar a expulsão e a perseguição a todo transe dos judeus, lei tão justa e humana que ainda hoje a Hespanha está soffrendo as suas consequencias fataes.

O quadro do sr. Fernandez satisfaz debaixo de certo ponto de vista. A composição é regular e sobretudo do que mais gostamos é da figura principal, Torquemada, que tem uma expressão colerica e apaixonada muito bem entendida. A côr amarellada que predomina em todo o quadro, faz-nos acreditar que já está tudo a arder nas piedosas e beneficis fogueiras do Sancto Officio. Deus de misericordia e infinitamente bom, tende piedade dos pobres judeus e de nós, que somos todos vossos filhos!

N'aquelles catholicos tempos purificava-se a crença e a fé com fumo de carne humana, para maior gloria de Deus!

É preciso que a nossa bella religião seja realmente a verdadeira e a mais justa entre todas para realizar o milagre de chegar até aos nossos dias com tão numerosos fieis.

Os seus maiores inimigos foram os Torquemadas, que se tivessem existido por mais tempo, não se encontrariam talvez já crucifixos na terra. Este paiz foi a victima e um exemplo vivo da feroz intolerancia religiosa.

Batalha de Treviño, quadro do distincto e fallecido pintor D. Ricardo Balaca. O malogrado artista foi um desenhador de força. A sua batalha faz-nos recordar *Solferino* de Meissonier. Podemos collocar afoutamente D. Ricardo Balaca, ao lado do pintor francez, n'este genero de pintura, que de Vernet a esta parte, tornou-se uma especialidade.

VI

Resta-nos fallar dos artistas portuguezes que concorreram á exposição.

Seria uma grave injustiça da nossa parte se os olvidassemos.

Prescindimos porem de fazer a menor apreciação sobre os seus trabalhos, por serem já demasiado conhecidos do leitor.

Honrando-se a si mesmos, honraram tambem o seu paiz, pela maneira distincta como se apresentaram no certamen artistico.

Alguns foram justamente apreciados pelos artistas hespanhoes, sempre amaveis e hospitaleiros.

Este benevolto acolhimento deve animar os artistas portuguezes para a futura exposição, procurando enviar maior numero de trabalhos.

Tornando-se conhecidos em Hespanha podem d'esta maneira dar um serio impulso ás bellas artes em Portugal.

MANLIUS.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

A UMA PIANISTA

(D. Amelia Vaz Monteiro)

Não vês aquelle *Erard*, um monstro de madeira, abandonado, triste, ao canto de uma sala? Parece dormir; não ouve; não nos falla... descança ali talvez, prostrado de canceira!

Pois bem. Escuta-o agora: estremeceu! suspira! e scisma! e devancia nos intimos segredos! o monstro chora e ri! exalta-se! delira!... É que sentiu no dorso os teus formosos dedos!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

CREPUSCULO

(Ao distincto escriptor e eminente poeta o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Luiz Guimarães Junior)

.....Seu olhar brilhava
Como a opála ao luar,.....
LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

A luz ao desprender seu ultimo lampejo
Dourado, setinoso e terno como um beijo,
Vae morrer em seu collo!

Em breve chega a noite, envolta em rosmaninho,
Mas ella não me traz o lucido carinho,
Aquelle que eu esmolo!

Nos páramos da dôr, então, fico abysmado,
E ao invocar seu nome ethereo, perfumado,
Entre umas sombras tristes,
Ninguem me respondeu! Minh'alma é sem ventura,
E eu fico olhando o céu!... É noite, é noite escura!
Ó luz onde é que existes?!

As palpebras abriu, o seu olhar bemdito,
A luz d'immenso amor, brilhou no Infinito!
— Já tenho onde me acoite! —
Eu vi nos olhos seus as lampadas divinas,
(Os cofres mais gentis de duas joias finas!)
Illuminando a noite!

Lisboa, Setembro, 1881.

MATHEUS PERES.

RUMORES DOS PALCOS

Agradou muito no theatro da Trindade a comedia *O ramo*, traduzida pelo actor Leoni. Debutou n'ella o actor Mello.

*

Já se acham abertos todos os theatros de Paris. A *saison* parisiense começa, como se vê, muito mais cedo do que a nossa. A maioria dos theatros fazem *reprise* das suas peças de resistencia.

O Palais-Royal abriu com o *Divorçons*; o Vaudeville com a *Voyage d'agrément*; os Buffos Parisienses com a *Mascotte*; as Variiedades com a *Niche*; a Renascença com o *Canard à trois becs*; o Ambigu Comique com os *Mouchards*.

*

Taillefer, marido da distincta *chanteuse* Paulina Luigini, está actualmente em Paris, onde tomou a empreza do theatro Cluny.

A nova empreza inaugurou os seus espectaculos com os *Braconniers* de Offenbach, obtendo um grande successo Paulina Luigini, que desempenhou o principal papel. Agradou tambem muito Mary Albert, que regressou ha pouco da America.

*

Affirma-se com insistencia que Sarah Bernhardt vem a Lisboa em outubro.

*

Mounet-Sully obteve um exito brilhantissimo na criação do personagem do Oedipo, da tragedia de Lacroix. Quasi todos os criticos francezes são unanimes em consideral-o o primeiro actor da sua geração.

*

A *Mascotte* sóbe, pela primeira vez á scena em beneficio da illustre actriz Florinda, que se realisará no dia 20. Noute de festa rija para a Trindade!

*

O theatro da rua dos Condes abre no dia 22 com o *Assomoir*, traduzido por José Carlos dos Santos.

*

Um dos primeiros jornaes de Paris escreve com referencia a Paulina Luigini, que, como acima dissemos, está fazendo furor no theatro Cluny:

PAULINA LUIGINI

«Sabem que é ella a Clarinha original da *Filha da sr.^a Angot*, a unica, a verdadeira, a «Clarinha dos sonhos de Lecocq»?
Tinha dezeseite annos então. E era em Bruxellas.

Dezeseite annos em 1873, que indiscripção!

Hoje, chega-nos de Nice, como as violetas, e dizem mesmo que desde a sua partida, o Mediterraneo chora-a em cantos melodosos, como um mar deve chorar uma cantora.

Muito alta¹, fina e nervosa, com os seus grandes olhos amplamente abertos e acariciadores, o seu nariz direito e classico, dá ares de uma grega da rua d'Aboukir. Mas uma grega de cabelos castanhos doirados como as folhas do outomno depois da chuva.

Não sei se a prefira com a touca branca de Clarinha e da *Boite au lait*, tímida e ingenua:

*Legère et court vêtue,
S'en allant à la ville...*

Ou com o *travesti* dos *Braconniers* d'esta noite, atrevida, petulante, insolente mesmo.

Porque é um garoto feito mulher, toda petulancia e toda graça. *Enfant terrible* até aos calemburgos, fal-os de tudo e em toda a parte: não ha cabeças sagradas para ella.

É casada, mas o seu director tambem o é. Lecocq escrevia uma noite a Paulina:

«Bravo por *Giroflé*, bravo por *Giroflá*, o pae d'ellas feliz por vel as entre as vossas queridas mãosinhas.»

Era no dia immediato da *primeira* de *Giroflé*, nas galerias Saint Humberto.

Quando o sr. Taillefer lança multas á sua escripturada, Luigini deve tirar duras represalias.

Signal caracteristico: tem um medo terrivel de Paris em geral, e dos *jornalistas* em particular. Por isso, na vespera de uma criação, como piedosa actriz, faz de joelhos, ao pé da sua cama, as suas orações cortadas por este Kirie eleison.

«Senhor critico, tende piedade de nós!»

¹ O que será que os francezes entendem por muito alta? Paulina Luigini é, pelo contrario, extremamente baixa, o typo da mulher *mignon*.

*

A companhia lyrica que vem cantar a S. Carlos partiu de Milão no dia 13, devendo chegar a Lisboa nos dias 18 a 20.

*

Foi extraordinariamente festejado o beneficio de Adelaide Tessero no Rio de Janeiro. Representou-se a *Adriana Lecouvreur*. A orchestra, quasi invisivel, tocava nos camarotes de segunda ordem. Os logares da orchestra estavam tomados por filas de cadeiras. No final do 4.^o acto a grande actriz italiana veiu ao palco e foi então que o entusiasmo rebentou estrondosamente, cahindo de todos os lados nuvens de versos, pombos e flores. Adelaide Tessero foi acompanhada a casa por uma grande multidão, que a victoriava; seguiram a carruagem da insigne artista algumas musicas, e as janelas, povoadas de senhoras, illuminaram-se festivamente.

Eis a lista dos principaes brindes que foram offerecidos a Adelaide Tessero:

De madame Aguiar Mora uma carteira de oiro, com monogramma.
Do commendador F. Roxo uma outra carteira.

Uma pulseira de brilhantes.

Um relógio de oiro com chatelaine, do sr. C. Ciacchi.

Um relógio offerecido por seus filhos.

Um formoso e extraordinario *bouquet* de camelias do sr. Gonçalves Pereira.

Uma carôa do sr. Heller, do theatro Phenix.

Uma corôa da actriz Ismenia.

Um alfinete de aranada, com o emblema da poesia, dadiva de dez admiradores.

Um anel *marquise* de brilhantes.

Um exemplar dos *Noivos*, do sr. Arthur Azevedo.

Um alfinete para cabeça.

Um rico *bouquet* de pennas com fita verde e amarella.

Um chaile de Toukim da ex.^{ma} sr.^a Silveira da Motta.

Um porta bilhetes de prata dourada.

Um dito de prata.

Quatro flores de pennas encarnadas.

Uma corôa verde com espigas de oiro e uma rica almofada bordada a oiro, em velludo encarnado, da sr.^a Belmary.

Uma grande *corbeille* de flores ntauraes.

Cincoenta retratos lythographados offerecidos pelo sr. Angelo Agostini.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos até ao setimo fasciculo da obra notabilissima de Cappello e Ivens, *De Benquella ás terras de Iacca*. A par do valor do texto, escripto com profundo conhecimento do assumpto, recommenda-se esta publicação pelo esmero da edição, illustrada de numerosas gravuras.

*

Publicou-se mais um numero da *Moda Illustrada*, interessante jornal de modas e litteratura, muito lido e apreciado por todas as senhoras. É seu editor o sr. David Corazzi.

*

Gonçalves Crespo prepara um novo livro de versos, que deverá intitular-se *Nocturnos*.

*

Está a sair do prelo o novo livro da redactora d'esta folha, *No theatro e na sala*, com uma carta de Camillo Castello Branco. É editado pelo sr. David Corazzi.

*

Acha-se á venda nas principaes livrarias o *almanach litterario e charadistico* para 1882, coordenado pelo sr. Matheus Peres. Recomendamos aos nossos leitores a aquisição d'este interessante livrinho, collaborado pelos principaes escriptores.

*

Recebemos os primeiros numeros do *Mandarin*, um jornal scintillante de *verve* e habilmente redigido pelo nosso talentoso collega, o sr. Barros Lobo.

*

Foi-nos enviado o primeiro numero do *Bohemio*, semanario de caricaturas, publicado em S. Paulo. Traz no frontispicio o retrato do dr. Americo de Campos. Na secção *Pirolas* (sic), da penultima lauda, deparamos com estas arestas de diamante:

«Em um jornal francez vimos a *respeito* da mulher um longo artigo, que trazia a epigraphe: — *Sur la femme*. Não o lêmos; mas, affirmamos que a *escrivaninha* foi boa...

Outra:

Uma George Sand brazileira:

— O senhor gosta de Anthero do Quental?

— Muito, minha senhora!

Eu só lhe acho um defeito; tem o metro duro demais...»

(Textual.)

*

Pedem-nos a publicação do seguinte annuncio:

GAZETA DE ANGOLA

JORNAL DA AFRICA OCCIDENTAL PORTUGUEZA

A *Gazeta de Angola* publica-se em Loanda, é folha noticiosa e a unica que sahe duas vezes por semana.

É vendida á chegada dos paquetes em todos os portos de esca-la, S. Vicente, S. Thiago de Cabo Verde, Bolama, Ilha do Principe, S. Thomé, Ambriz, Loanda, Benguella e Mossamedes.

A *Gazeta de Angola* tem uma edição especial impressa em Lisboa e sendo expedida á sahida de todos os paquetes, contendo no-

ticias sobre todos os assumptos que interessem particularmente á Africa Occidental. O desenvolvimento que se vae operando na Africa Occidental, para onde estão fixadas as vistas não só de Portugal como das outras nações europeias, convida todos os commerciantes e industriaes a fazerem conhecidos os seus productos e industrias n'esta parte das nossas possessões. Todos os annuncios e publicações que se deseje tenham cabimento tanto na edição de Lisboa como na de Loanda, devem ser dirigidos á agencia de annuncios—Bastos & Gonçalves, rua dos Retrozeiros. Correspondencias na edição de Lisboa, 50 reis por linha. Annuncios, 20 reis por linha. O dobro quando se pretenda a repetição na edição de Loanda.

*

O sr. Matheus Peres foi agraciado com o diploma de membro honorario de 1.^a classe da Academia scientifica de Mont Real de Toulouse.

ALBUM ENYGMATICO

CHARADA

(Ao meu particular amigo e distincto charadista

Matheus Peres)

(RETRIBUIÇÃO)

PREMIO

OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

O DRAMA DE ECHEGARAY «Ó LOCURA Ó SANTIDAD»

A tarde era serena, e o ciciar da brisa,
que, de encosta em encosta, rapida deslisa,
obrigou-me a deixar os livros meus, dilectos,
e a procurar no campo uns sitios predilectos.—1

Mergulhado em silencio estava o val humbroso,
e tudo convidava a procurar repouso;
mas — oh! sorte infeliz! — ouviu-se de repente
um ruido estranho e novo — um ruido impertinente...—2.

Tive, pois, de fugir de notas tão agudas,
por que, sem elogio, prefiro as notas *mudas*;
porém, distante já, ouvi por muito tempo
os vibrantes acordes, que me trazia o vento.

Lisboa, Setembro, 81.

MIRANDA AZEVEDO.

Explicação da charada publicada no numero anterior:—SARAMAGO.

Recebemos um sem numero de cartas contendo a decifração da charada posta a premio, sendo este entregue ao ex.^{mo} sr. André do Quental, primeiro cavalheiro que nos enviou a chave da composição alludida.

Tem remettido a decifração de todas as charadas o sr. José Freire Gameiro, de Almeirim.

Publicar-se-hão as charadas que forem enviadas ao director do ALBUM ENYGMATICO, o sr. Matheus Peres.

ADVERTENCIA:—O premio será entregue na redacção, rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 104, 2.^o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil e de grande numero de notabilidades europeas

Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evolução biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia e a Hespanha, teem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso de balde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento da lingua de Luiz de Camões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançámo-nos a dar a publico o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas, incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e expositiva.

O *Diccionario Universal Portuguez*, propriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sabe quinzenalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas, em 4.º maximo, com 144 columnas de excellente typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brasil 1\$200 réis fracos. Paga á entrega.

Assigna-se para o *Diccionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se accitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empreza no Rio de Janeiro os srs Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95.

Ao presente estão publicados 25 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que comprehendendo toda a letra A.

Ricos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerer a mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O **Centro** accéita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocação por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do **Centro** enviam para qualquer destino, a troco de estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões as para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis!!!

Sendo maior quantidade teem abatemento os preços da bella luva aromatisada, assim como as de fino Suede e Escossia, praias e campo.

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura
Lisboa Assignatura de 25 numeros	500 »	de 25 numeros . . . 2\$000 réis
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre — 95, Rua dos Ourives, 95.		
Assigna-se na Livraria Zeferino — 87, Rua dos Fanqueiros, 87.		

120—RUA AUREA—122